

Maria Aparecida Lages Aguilar Rodrigues



**Arte e Artesanato Uma União Perfeita no Ensino de Artes
Visuais**

Araçuaí
2011

Maria Aparecida Lages Aguiar Rodrigues

**Arte e Artesanato Uma União Perfeita no Ensino de Artes
Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Araçuaí

2011

Rodrigues, Maria Aparecida Lages Aguilar.

Arte e Artesanato Uma União Perfeita no Ensino de Artes Visuais: Especialização Em Ensino de Artes Visuais / Maria Aparecida Lages Aguilar Rodrigues

62 f. (Número de páginas da monografia)

Orientador (a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Rocha, Melissa Etelvina Oliveira II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes III. Título.



**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais**

Monografia intitulada “*Arte e Artesanato Uma União Perfeita no Ensino de Artes Visuais*” de autoria de *Maria Aparecida Lages Aguilar Rodrigues*, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Orientador (a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha - EBA/UFMG

Membro da Banca - Jussara Vitória de Freitas

Membro da Banca - Josias Marinho

Araçuaí, 08 de Outubro de 2011

AGRADECIMENTO

A Deus pela força incondicional. Aos tutores Josias e Ernane, a orientadora Melissa que ajudaram em minha formação profissional. Às mulheres artesãs e alunos do magistério que foram indispensáveis em minha pesquisa. Ao meu esposo João Celson, aos meus filhos João Pedro e Guilherme, a minha mãe e minhas irmãs pela compreensão e apoio. Aos amigos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização dessa monografia, a eles meu eterno agradecimento.

SUMÁRIO

Resumo.....	06
Introdução.....	10
Capítulo 1.....	12
1 – O Ensino de Arte.....	12
1.1 – A trajetória da Arte no Brasil.....	12
1.2 – O Ensino de Artes Visuais.....	15
1.3 – O papel do professor de arte.....	17
CAPÍTULO 2.....	19
2 – ARTE TÊXTIL	19
2.1 – Breve história da Arte da Fibra no Brasil.....	19
2.2 – Arte da fibra em algodão no Município de Jenipapo de Minas.....	21
CAPÍTULO 3.....	25
3 – PLANO DE ENSINO.....	25
3.1 - A Experiência da tecelagem nas aulas de arte.....	25
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
5 – REFERÊNCIAS.....	34
6 – ANEXOS.....	36

RESUMO

Com o intuito de desvendar e visando entender a possibilidade do ensino em Artes Visuais através da tecelagem em algodão nas aulas de Arte, é que se propõe esta pesquisa. Assim esse trabalho buscou fazer uma análise na produção da tecelagem em algodão através da Associação Antonia Maria das Graças, localizada no município de Jenipapo de Minas, bem como compreender a trajetória do ensino de arte. Este trabalho só foi possível graças a uma investigação sistemática e qualitativa, com entrevista previamente elaborada e leitura de alguns acervos bibliográficos.

Em seguida a mesma foi aplicada em sala de aula, dando um novo sentido às aulas de arte com o propósito de conhecer e promover a reflexão na produção artística visual da comunidade local.

Palavras Chaves: Artes Visuais. Pesquisa. Trabalho Artesanal. Tecelagem. Arte. Algodão.

ABSTRACT

This research was proposed in order to understand the possibility of teaching in Visual Arts by using weaving cotton in art classes. Thus, study aimed to analyze the production of weaving cotton through the Antonia Maria das Graças Association, from Jenipapo de Minas city, as well as understand the trajectory of art education. This work was only possible through a systematic research and qualitative interviews carefully drawn up and reading some library collections.

Then, it was applied in the classroom, giving a new meaning to art classes in order to know and to do a reflection on the visual artistic production from local community.

Keywords: Visual Arts. Research. Handcrafted. Weaving. Art. Cotton.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01 - Dona Maria na roda fazendo o fio de algodão

Figura 02 - Dona Lozinha fazendo a trama dos fios no tear

Figura 03 - Colcha de casal de algodão 1,90 x 2,90

Figura 04 - Colcha de solteiro 1,70 x 2,50

Figura 05 - Colcha de casal em algodão

Figura 06 – Colcha de solteiro em algodão

Figura 07 – Aluna entendendo o processo da trama

Figura 08 – Aluna fazendo a trama dos fios de lã

Figura 09 – Aluna fazendo a trama dos fios

Figura 10 – Aluna fazendo o acabamento na trama

INTRODUÇÃO

Mediante os constantes desafios de uma sociedade em um mundo globalizado e as grandes transformações que vem ocorrendo no sistema educacional é fundamental um novo olhar para o trabalho no ensino de arte, pois compreender todo seu processo é uma necessidade inerente do indivíduo que participa do ambiente de ensino.

O município de Jenipapo de Minas, no Vale do Jequitinhonha, banhado pelo Rio Setúbal, formado por negros, brancos, índios e alguns imigrantes que aqui chegaram, deixando diversas expressões artísticas significativas como herança da sua história e cultura tais como: tecelagem, cestaria, madeira entre outros.

Visando criar condições para que o aluno se interesse pela arte, como instrumento de conhecimento e expressão artística, bem como ampliar o seu entendimento da Arte, fazendo uso do que está mais próximo da sua realidade é que foi feito esse trabalho de pesquisa cultural.

Sendo assim essa pesquisa está voltada para esses produtos artesanais feitos do algodão; e ao usar o artesanato desse município como prática pedagógica também está juntando a isso uma forma de fazer com que o discente se sinta inserido nessa prática e assim situar-se no mundo com suas experiências.

É importante, então que as manifestações artesanais sejam inseridas de tal forma que o ensino de arte contribua para o desenvolvimento e enriquecimento dos alunos. Deve-se trabalhar esse assunto nas aulas de arte, de forma simples, mas que possibilite a construção do conhecimento a partir do entendimento do que seja arte. Assim o aluno poderá conhecer as inúmeras possibilidades de criação artística frente às experiências vividas e as novas tecnologias disponíveis no mundo contemporâneo.

No primeiro capítulo aborda-se sobre a trajetória da arte, pois os primeiros passos para formar a escola de Arte no Brasil iniciaram com a chegada da Missão Artística Francesa; a partir de então o Brasil recebe forte influência da cultura européia,

No segundo capítulo relata-se sobre a tecelagem no Brasil e a tecelagem no referido município acima citado, sendo em ambos uma técnica muito antiga. Os índios foram os primeiros artesãos, quando os portugueses aqui chegaram já encontram marcas do trançado das fibras.

E no terceiro capítulo é montada uma proposta didática, para aplicar em sala de aula, onde coloca-se em prática a abordagem triangular, pois aprecia-se, reflete-se e cria-se tudo que as artesãs realizam ao tecer os fios de algodão.

Entretanto, o assunto estará envolvendo jovens do magistério do Ensino Médio, na Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima. Sendo assim é fundamental o ensino em Artes Visuais, como formação cultural, social, intelectual e como ampliação do conhecimento, não só do aluno, mas também do professor, pois oferece reflexão, interação e conscientização. Nesse sentido é necessário a busca para a compreensão do processo criativo nos trabalhos em algodão dessas artesãs.

CAPÍTULO 1

1 – O ENSINO DE ARTE

1.1 – A trajetória da Arte no Brasil

O Ensino no Brasil, segundo Gouthier (2009), começou a receber suas primeiras influências pelos jesuítas, com o objetivo de disseminar a fé, e o seu ensino estava mais voltado as técnicas. O século XIX, no Brasil, foi marcado pela chegada da família real portuguesa na Colônia. E começa nesse tempo várias reformas administrativas, econômicas e culturais. Após oito anos da vinda da família real, o Brasil passa a receber forte influência da cultura européia.

Com a influência da cultura européia iniciam-se os primeiros passos para formar uma escola de arte, na chegada de D.João VI e Missão Francesa. A princípio o ensino de arte seguia um padrão acadêmico: detalhismo e perfeição. Por muito tempo o ensino de arte foi voltado apenas para o desenho, excluindo assim as demais; sua exposição era feita em ambientes intelectuais sem a participação da grande massa populacional.

Então a arte foi incluída no currículo escolar pela lei 5.692/71, com o nome de Educação Artística, sendo concebida como atividade educativa e não como disciplina. Os alunos eram e ainda são avaliados pelo interesse, dedicação ao trabalho e bom comportamento. Na escola onde atuo os alunos são avaliados através de conceitos e não notas. “O ensino da arte hoje constitui componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL. Lei nº9.394/96, art.26, §2º apud. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Brasília: MEC/SEE, 1997).

Com a criação da LDBN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) a Lei Federal nº. 9.394 de 1996, a arte passa a ser considerada como disciplina obrigatória na educação básica nas escolas de 1º e 2º grau. O projeto de reforma do ensino primário e secundário foi baseado nos aspectos idealizados por Rui Barbosa.

Assim com essa Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a área passa a ser identificada por Arte (e não mais por Educação Artística). A disciplina Arte passa a ser considerada como área do conhecimento, visando o desenvolvimento cultural dos alunos.

E essa mudança não ocorreu apenas na nomenclatura, mas também em toda a sua estruturação, passando a ter o tratamento como área do conhecimento. “[...] De atividades esporádicas de cunho mais próprio de relaxamento e recreação, passa-se ao compromisso de construir conhecimentos em Arte.” (PIMENTEL, 2009, p.1).

Em meio a essa mudança e do seu devido reconhecimento da Arte como área de conhecimento, surge uma importante sistematização pedagógica do ensino da arte. Segundo Barbosa (2005), o ensino da Arte deve seguir ao que ela chama de “Abordagem Triangular”, que é o fazer artístico, a apreciação da obra de arte e a sua contextualização histórica, ou seja, a pessoa que aprende arte deve saber, não apenas a fazer, mas saber de onde veio o que levou a criar aquela obra e assim contextualizar.

De acordo com Fusari e Ferraz (2001) e com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN/BRASIL (1997), a partir do momento que a disciplina Arte passa a ser abordada de forma que constrói o conhecimento, é preciso deixar de abordá-la como mera atividade de relaxamento ou recreação. Diante disso é preciso que o professor conheça todas as influências que ocorreram no processo de ensino aprendizagem ao longo da história da arte, assim entender a situação atual da arte no contexto, refletir sobre sua ação pedagógica como professor arte/educador e com isso buscar uma melhor prática educativa dentro do âmbito educacional.

O professor arte-educador deve entender-se como sujeito do processo histórico, pois ao mesmo tempo em que faz a história e determinado por ela. Deve entender que para interferir e transformar o presente é necessário conhecer e entender o passado [...] (SCHRAMM, 2001, p 20).

Atualmente o ensino de Arte é amplo e está voltado para a dança, a música, o teatro e as Artes Visuais. É sabido que sendo uma área de conhecimento, ela passa a ocupar um lugar de destaque e que de fato promova essa construção tanto no docente e discente, e os torna agentes formadores e

transformadores da sociedade na qual estão inseridos, na busca de compreender o passado e o presente.

1.2 – O Ensino de Artes Visuais

Segundo os PCNs (1997) e Junior (2009) as artes visuais caracterizam-se como área de conhecimento, pois desde os tempos primórdios o homem vem expressando e comunicando por diversas formas de linguagens, dentre elas o desenho, a pintura, a gravura, a escultura, a fotografia, a tecelagem, etc. Todas essas modalidades artísticas são expressões e representações da vida, que são materializadas em formas visuais que podem ser estáticas, ou em movimentos bidimensionais e tridimensionais.

A forma que ela se apresenta não importa, o que é relevante é que o ensino em Artes Visuais é um componente fundamental para o desenvolvimento do ser humano, pois proporciona caminhos que possibilita a reflexão desde a sua produção, na do colega ou na do artista. É importante destacar que o trabalho em Artes Visuais, não visa formar artistas, mas possibilitar conhecer a linguagem artística de um determinado produto e ou povo.

Sabemos que a apreciação artística e a sua compreensão tem pouco espaço na sala de aula, e ainda são oferecidos aos alunos atividades que não proporciona o questionamento e a reflexão. Segundo Barbosa “Nas aulas de artes visuais ainda domina na sala de aula o ensino do desenho geométrico, o *laissez-faire*, temas banais, as folhas para colorir [...]”. (BARBOSA, 2005, p.17).

Com isso faz-se necessário uma mudança na concepção sobre o ensino de Artes Visuais no contexto escolar e o professor precisa está respaldado em teorias que lhe apontem outras formas de pensar sobre o próprio fazer. A junção teoria e prática são indispensáveis e não existe receita pronta de como ensinar, aprender e compreender o ensino da Arte.

O professor arte-educador deve entender-se como sujeito do processo histórico, pois ao mesmo tempo em que faz a história, é determinado por ela. Deve perceber que para interferir e transformar o presente, é necessário conhecer e entender o passado. A compreensão da história lhe possibilitará uma ação transformadora no processo ensino-aprendizagem da arte e lhe dará suporte para repensar as relações sociais existentes nas instituições de ensino nas quais atua e desenvolve seu trabalho, na formação de seus alunos, cidadãos que devem ser preparados para enfrentar crítica e conscientemente o mundo que está à sua frente. (SCHRAMM, 2001, p.20).

Com essa proposta, não basta apenas ter a disciplina Arte inserida no quadro curricular escolar, e um professor para ministrar as aulas. É preciso que o professor seja consciente de como conduzir seu trabalho considerando o significado e o contexto no qual os alunos estão inseridos. Apesar de muitos esforços para o desenvolvimento do saber artístico na escola, percebe-se que a Arte não tem sido ensinada e aprendida suficientemente pelos alunos.

1.3 – O papel do professor de arte

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB N nº 9.394/96) estabeleceu em seu artigo 26, parágrafo 2º que: “O ensino da arte constituirá o componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

A partir do momento que a LDBN, torna o ensino de Arte, como disciplina obrigatória no currículo escolar, o ensino passa a ser concebido como um conhecimento que tem significado e característica própria. Não basta que a arte esteja inserida no currículo, é necessário saber como é concebida, ensinada e como ela se expressa no contexto de cada região.

O espaço de arte-educação é essencial à educação numa dimensão muito mais ampla em todos os seus níveis e formas de ensino. Não é um campo de atividades e conteúdo de pesquisa de pouco significado. Muito menos está voltado apenas para atividades artísticas. É território que pede presença de muitos, tem sentido profundo, desempenha papel integrador plural e interdisciplinar no processo formal e não-formal da educação. Sob esse ponto de vista, o arte-educador poderia exercer um papel de agente transformador na escola e na sociedade. (VARELA, 1988, p. 2, *apud*. FERRAZ, 2001)¹

Com base nos PCNs (1997), o ensino de arte, é fundamental para a formação cultural, social e intelectual não só do aluno como também do professor, pois deve favorecer a todos, momentos de reflexão e transformação no processo educacional e propor atividades que possibilitem a construção do saber em arte.

Também é necessário que o professor atue como um eterno pesquisador/investigador, criando atividades e ou situações que favoreçam a troca de saberes em arte, sem oferecê-los soluções prontas e acabadas, mas sim situações problemas para que eles sintam a necessidade de investigar, questionar e construir uma resposta satisfatória.

Mesmo que os PCNs e os CBCs continuem a nortear o trabalho dos professores, há ainda por parte de muitos educadores a resistência à inovação. Em plena era digital ainda há em sala de aula práticas pedagógicas retrógradadas,

¹ FERRAZ (2001, citado por VARELA; Noêmia,1998) uma metodologia baseada na abordagem triangular.

onde muitos professores propõem atividades desvinculadas do saber artístico, dificultando ou impedindo o ensino em Arte encontrar soluções apropriadas, o professor de arte deve procurar adaptar as mudanças e construir.

Contudo, o professor deve ser consciente da sua prática pedagógica, nas aulas de arte e oferecer aos discentes conteúdos que tenham significação dentro do contexto. Para que o ensino de arte seja abordado dentro da abordagem triangular, o professor deve promover o apreciar/fruir, o pensar na história, o refletir, o contextualizar e o fazer artístico. A partir desse momento a disciplina arte passa a ocupar seu espaço na escola, deixando de ser apenas uma atividade recreativa. Ressalvo que uma das dificuldades que impedem que o ensino de arte seja eficaz é que na grande maioria os professores que lecionam arte não têm habilitação específica nessa área e não é oferecido a eles nenhum curso de capacitação. E muitas vezes esse conteúdo é oferecido ao docente para complementação do número de aulas para um determinado cargo.

CAPÍTULO 2

2 – ARTE TEXTIL

2.1 – Breve história da Arte da Fibra no Brasil

“Viajar pelo mundo das fibras possibilita vislumbrar caminhos e possibilidades de uma plasticidade incomum. É um convite à aventura através do tempo e do espaço.” (SATURNINO, 2009, p.9).

A arte da tecelagem vem deixando marcas desde as civilizações antigas, quando os primeiros navegadores portugueses chegaram nessas terras denominadas Brasil, já encontraram marcas do trançado em fibras vegetais. Os indígenas foram os primeiros artesãos dessa refinada técnica de trançado em fibra como: cestos, balaios, esteiras, etc. Eles eram hábeis no trançado, e logo se mostraram talentosos na tecelagem, adaptando-se rapidamente aos teares europeus.

Após a chegada dos escravos africanos, a tecelagem brasileira foi enriquecida de novas técnicas, principalmente pelo gosto das cores vibrantes. Com o tempo o tecelão brasileiro foi se aperfeiçoando e aprendeu a fazer tecidos mais delicados.

Segundo Senac (2002), o Brasil ainda pertencia a Colônia de Portugal e era o rei que decidia o que seria conveniente produzir aqui. Em 1785, pressionada pelas indústrias da Inglaterra, a rainha D. Maria I, mandou destruir todos os teares brasileiros proibindo a indústria têxtil no país, pois eles não queriam enfrentar concorrência com a produção brasileira. Em 1808, com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, Dom João VI revogou a proibição e a indústria têxtil, começou a se desenvolver nesse país da mesma forma que ocorreu a retomada da produção artesanal.

A tecelagem é uma das ramificações das Artes Visuais, como também uma técnica que o homem tem para criar algo através do entrelaçamento dos fios, tendo apenas um suporte (tear), a criatividade e as fibras. E são diversos os materiais que se pode utilizar na tecelagem, dentre eles temos: o algodão, lã, papel, corda, fibras naturais ou sintéticas.

Devido a essa grande diversidade e possibilidade de materiais que a natureza oferece é possível criar várias formas de arte e artesanato com técnicas que parecem simples, mas que carregam uma marca do ofício do artesão e um forte sentimento dessa cultura.

E nesse trançado está presente uma mistura étnica e cultural que faz o povo brasileiro: o trançado é herança artesanal dos indígenas, enriquecida pelo gosto dos africanos, europeus e orientais que aqui chegaram como migrantes.

Embora a arte da tecelagem, só passou a ser considerada uma forma de arte somente no século XIX, até então era tida como arte menor, sendo importante apenas como objeto decorativo.

A técnica de produzir arte através da fibra é milenar, acompanha o ser humano desde os primórdios da civilização e o homem vem registrando e construindo sua história, com uma linguagem simples e eficaz. As tramas e as urdiduras se entrelaçam através das mãos do artesão para dar forma ao pensamento, unindo-se cores, linhas e formas.

Contudo a arte da tecelagem consiste em entrelaçar os fios em movimentos alternados passando ora por cima, ora por baixo. A trama cobre os fios da urdidura formando o tecido que nos permite criar desenhos, texturas, forma, é importante que os fios na urdidura fique bem firmes e assim formam tapetes, colchas, redes, cobertores, pano de prato, etc.

Todo ser humano, por mais que não entenda o mundo da arte, se encanta, extasia fantasia e sensibiliza por sua beleza, pois a arte deve proporcionar a sensibilidade que o artista possibilita em seus trabalhos artesanais.

Ainda hoje a tecelagem enriquece a produção cultural do Brasil desenvolvendo linguagem própria e atuando com grande expressividade. A tecelagem ultrapassa, vai além de ser meramente uma produção artesanal e é uma manifestação da arte popular. Pois ela mantém viva seu caráter interativo com a linguagem artística sem abandonar a relação do saber fazer e o saber pensar.

Assim a tecelagem desperta um novo olhar para as manifestações da cultura do povo, uma vez que manifesta a sensibilidade humana, a beleza ao transformar a matéria bruta (o algodão) em peças cheias de significados na linguagem artística. Envolve o olhar e atrai o apreciador para a sensibilidade de suas formas, desenhos, cores, linhas e textura.

2.2 – Arte da fibra em algodão no Município de Jenipapo de Minas.

O Município de Jenipapo de Minas, situado no Nordeste do Estado de Minas Gerais, era pertencente ao Município de Francisco Badaró, antigo Sucuriú. O referido município acima citado se torna independente em 22 de Dezembro de 1995, localizado no Vale do Jequitinhonha, com uma população de 6441 habitantes. As informações sobre a produção da tecelagem foram obtidas através de pesquisa de campo (entrevistas) e de textos locais (anexos IX, X, XI, XII e XIII), pois eles se referem ao município ao qual pertencia.

Os terrenos dos arredores de Sucuriú oferecem aos seus habitantes recursos mais seguros que os fornecidos pelas lavagens. Como a região é mais próxima da bacia do Araçuaí do que da Vila do Fanado e Chapada é também menos elevada e mais quente, e cultivam-se nela algodoeiros com grande resultado. Quase todas as mulheres de Sucuriú fiam algodão, e na maioria das casas dessa povoação, fazem-se tecidos mais ou menos grosseiros. Os mais finos se consomem na própria família, e vendiam-se aos outros, cujo fio não custa tanto a fiar, e, ao mesmo tempo, encontram mais fácil colocação. (SAINT-HILAIRE, 1975 p.229)²

A produção de algodão no município culminou com a implantação de um campo de demonstração na Comunidade Tocoíós de Minas, situada a 12 km da cidade de Francisco Badaró, sob a responsabilidade de 03 (três) jovens entre os anos de 1982 e 1987, que se espalhou para outras comunidades rurais do referido município. Para esta prática teve-se o incentivo da EMATER, AMAI e Prefeitura Municipal de Jenipapo de Minas. Esta produção era comercializada em Montes Claros, ficando no município uma parte para a produção artesanal.

A fiação do algodão no município era desenvolvida de forma isolada, cada uma na sua casa. Daí então, surge um grupo de mulheres, criado pela EMATER, um trabalho voltado para a fiação de algodão em mutirão.

E assim nasce o grupo das fiandeiras, que se reuniam nas horas vagas para produzirem o fio, ou prepararem o mesmo através do processo de catação do algodão, separação dos ciscos, descaroçar manualmente, bater ou cardar o algodão, fiação em rodas manuais. Com esses fios faz-se as meadas que são

² Disponível no Histórico do Artesanato em Algodão - Francisco Badaró – MG (anexo X)

preparadas para receber a coloração. Várias tintas são usadas podendo ser natural ou artificial. Após o tingimento os fios são urdidos ou separados e cruzados da maneira certa para levar para o tear, onde são feitas colchas, tapetes, cobertas, almofadas, caminhos de mesas, entre outras peças.

Para criar as peças buscam inspiração com outras artesãs ou aprende novas técnicas com artesão de outro lugar, e na hora os desenhos vão surgindo na cabeça. Seleccionam-se as cores que combinam e as linhas são organizadas no tear. Os fios são organizados fio por fio, até completar todo o pente, e os mesmos formam a trama (tecido), ao terminar faz-se os acabamentos e amarra-se as franjas da colcha.

O grupo encontrava-se em uma casa cedida, além da prática do ofício artesanal, trocavam experiências, era um espaço de encontro e conversas entre amigas e comadres. "Quando estamos aqui até esquecemos nossos problemas pessoais e de saúde. *É uma alegria umas com as outras*". (Fala de Dona Maria e Lozinha. 2011)

No decorrer dos anos, essas mulheres foram se organizando e esse pequeno grupo se uniu e formou a Associação Antônia Maria das Graças, mas hoje elas dedicam-se mais à produção de doces, salgados, licores, etc. Apenas algumas continuam com os trabalhos artesanais em tecelagem de algodão.

Para produzirem suas peças, as artesãs fazem uso de diversas ferramentas como: descaroçador, roda, flechas, fuso, almofada, cardas, canela, lançadeiras, tear em madeira, algodão e a linha (fio). Que vão unindo, formando e organizando os elementos da linguagem visual (pontos, linhas, texturas, desenhos, cores), ao serem ordenados e combinados, formam uma composição visual.

Como se percebe a arte de fiar e tecer algodão é uma prática secular, o ensinamento é passado de geração em geração, sobretudo pelas mulheres que teciam os panos ou faziam roupas para toda família de forma rústica e artesanal. "Quando éramos criança vestíamos roupas de algodão que eram feitas pelas nossas avós e mães". (Fala de Lozinha e Dona Maria. 2011).



Figura 1 - Dona Maria na roda fazendo o fio de algodão



Figura 2 - Dona Lozinha fazendo a trama dos fios no tear



Figura 3 - Colcha de casal em algodão 1,90 x 2,90



Figura 4 - Colcha de solteiro 1,70 x 2,5

CAPÍTULO 3

3 – PLANO DE ENSINO

3.1 - A Experiência da tecelagem nas aulas de arte

Ao longo da vida escolar deve-se oportunizar aos alunos vivenciar diversas formas de arte, para estudo, análise e reflexão, sendo elas artes visuais, dança, música e teatro. A tecelagem por fazer parte das Artes Visuais, se faz necessário o seu estudo e assim oportunizar aos discentes conhecer essa forma de expressão artística, no intuito de contribuir para o reconhecimento da função que a arte desempenha na nossa história e na nossa vida, sendo que a arte propicia a compreensão profunda das questões sociais, por meio da percepção visual.

Foi realizada uma oficina de tecelagem com alunos do 3º ano do magistério da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima. Que se localiza a Rua Monsenhor Bernardino, nº865, centro de Jenipapo de Minas. Numa turma com 20 alunos. As atividades dessa oficina tiveram um total de 05 aulas de cinquenta minutos cada. A escola possui um quadro funcional com 64 servidores. Tendo ao todo 1030 alunos no 1º, 3º e 5ºturno. Atende atualmente alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, EJA e Ensino Médio.

A proposta didática foi construída tendo em mente a abordagem triangular fundamentada por Ana Mãe Barbosa que é o conhecer, apreciar/refletir e o fazer. Ao proporcionar ao aluno um ensino com base nesses três eixos, possibilita-se a construção do conhecimento em arte de forma mais sólida e concreta. O aluno ao conhecer a historicidade existente numa obra de arte, ou numa produção artística, terá melhor embasamento para refletir e contextualizar o objeto em estudo com a sua realidade e assim entender melhor o seu fazer. Bem como a dar um valor a esse produto indiferente do espaço cultural ou de conceitos pré-estabelecidos. As expressões artesanais em sua maioria, por exemplo, não têm o seu devido reconhecimento, muitas vezes, por serem uma expressão artística e cultural de um povo e que não estão presentes nos espaço da escola. Quando o professor promove um ensino que trabalha esses conceitos

e valores de forma mais unificada, além de aproximar das vivências culturais de muitos dos seus alunos, demonstra que o mesmo tem grande respeito e que busca um melhor caminho para o ensino de arte e que ele de fato promove um conhecimento contextualizado e com sentido para o aluno.

Com o intuito de possibilitar uma discussão entre os alunos e o professor sobre uma nova forma de leitura em Artes Visuais, com os trançados e desenhos simples foi utilizado na sala de aula a pesquisa para esse estudo. O material fala sobre o modo de produção da tecelagem em algodão produzida pelas artesãs da Associação Antônia Maria das graças do município de Jenipapo de Minas. O plano de ensino foi constituído por meio de uma conversa com os alunos sobre o que conheciam da expressão da tecelagem realizada pelas mulheres da associação e quais suas impressões sobre as peças que eles conheciam. Após essa discussão foi feita na sala de aula a leitura de um texto informativo sobre a tecelagem. Este texto aborda sobre as fibras mais utilizadas no trabalho dessas mulheres. A escolha da matéria prima, o cuidado com o material e como preparar o material para tecer.

De acordo com as tecelãs o algodão é o mais utilizado e que para obtê-lo, os pelos são retirados dos caroços, limpos de impurezas, lavados e deixados à sombra para secar. Depois, são penteados (cardeados) e formam-se as fibras que torcidas viram fios. O fio de algodão tem boa resistência é fácil de tingir e encolhe pouco, por isso é muito usado na tecelagem. O texto também aborda que a tecelagem no município é uma forma de organização social, esse trabalho era desenvolvido em forma de mutirão. O público beneficiário dessa associação são mulheres da 3^o idade e semi - analfabetas. Ao contabilizarem as despesas, o lucro é dividido entre as associadas.

Nessa etapa os alunos foram incentivados a falar sobre o assunto com perguntas direcionadas pelo professor para propiciar o entendimento da forma de produção da tecelagem e da organização dessas mulheres. Também compreender que as criações realizadas por elas possuem elementos que constituem uma manifestação artística de caráter cultural passada de pais para filhos.

Na outra etapa foi disponibilizado aos alunos um vídeo com a demonstração de alguns passos do processo da tecelagem, e um slide sobre alguns produtos artesanais feito pelas artesãs. No momento de visualizar as

imagens dos produtos artesanais analisa-se a sua composição visual tipos de linhas (horizontais, verticais, retas, quebradas, etc.). Também quanto a combinação das cores, sua harmonia e ainda a textura que se apresentam lisas ou ásperas.



Figura 5 – Colcha de casal em algodão



Figura 6 – Colcha de solteiro em algodão

Esse procedimento favoreceu a compreensão de que a tecelagem produzida pelas artesãs da localidade também é uma forma de expressão artística que deve ser valorizada e respeitada. Os alunos conheceram o modo de produzir uma peça. Viram como são obtidas as tintas naturais, como as mesmas são feitas e compreenderam todos os passos para se fazer à tecelagem desde a limpeza, catação, descaroçar, bater, cardar, fiar, tingir, urdir, enfiar até o seu processo final que é o tecer os fios.

Em seguida foram expostos e explorados alguns instrumentos usados pelas artesãs como tear, o fuso, a roda e a urdideira (feitos por um artesão da comunidade local) definiu-se os conceitos e a utilização de cada um. Os alunos entenderam que para fazer um objeto com a tecelagem os fios são previamente colocados no tear e faz-se a trama que é o fio passando ora por cima ora por baixo com o auxílio da lançadeira, e através desse entrelaçar vão surgindo, dentre outros produtos, colchas, almofadas, cobertores, pano de prato.

Os alunos viram os tipos de teares utilizados pelos artesãos, mas para propiciar a realização na própria sala de aula foi sugerido a eles que usassem o tear de papelão devido à praticidade. Essa prática foi realizada em dupla e para isso fizeram uso de um suporte feito de papel paraná no tamanho de 30 x 20 cm, nas duas laterais menores do papel fazer pequenos cortes verticais, de mais ou menos 2 cm de comprimento, deixando espaço de 1 cm entre eles. Depois disso foi só tecer, passando a lã por cima e por baixo do barbante para formar a trama. Notaram que era interessante ir mudando a cor da lã e deixar a trama bem apertadinha. Para finalizar, retiraram o trabalho primeiramente só de um das laterais. Puderam perceber que no final forma-se uma “argolinha” que serve para amarrar uma franja. Fizeram os acabamentos com o auxílio de uma agulha.

Por ser uma turma do Ensino Médio todas as etapas fluíram de forma muito significativa no decorrer dessa oficina. Os alunos demonstraram em todos os momentos grande interesse pelo assunto, uma vez que para muitos participantes, aquilo era uma rotina na vida dos seus pais e ou dos seus avós. Já outros, ficaram fascinados em conhecer não apenas a história, o passo a passo, com também em poder colocar em prática e vivenciar a construção de uma expressão artística presente em sua comunidade, mesmo que ainda de forma muito rara. Para finalizar, foi proposto aos alunos que fizessem relatos sobre a experiência vivenciada nesta oficina que serão anexados no final desse trabalho.

ALUNAS DO MAGISTÉRIO NA OFICINA DA TECELAGEM

Figura 07 – Aluna entendendo o processo da trama



Figura 08 – Aluna fazendo a trama dos fios



Figura 09 – Aluna fazendo a trama dos fios



Figura 10 – Aluna fazendo o acabamento na trama

A avaliação feita durante todos os processos de execução dos trabalhos realizados na oficina de tecelagem em sala de aula, desde o momento da leitura e discussão dos textos informativos em uma roda de conversa até o momento dos trabalhos práticos e pelos relatórios apresentados pelos mesmos.

Pelos resultados os alunos demonstraram que houve entendimento do processo criação de uma peça com a modalidade da tecelagem. Eles produziram pequenos tapetes com a escolha das cores das linhas, da quantidade de laçadas para cada cor e relataram sobre suas escolhas. Entenderam as suas criações pelo valor artístico preocupando-se com a estética de apresentação. Perceberam que suas escolhas determinam a intencionalidade de suas criações.

Ao propor o ensino de arte dentro da abordagem triangular, o professor precisa ter uma base teórica bastante fundamentada para trilhar caminhos. Por vezes, muito polêmicos, onde se depara com assuntos como: isso é arte ou artesanato. Isso se torna uma possibilidade de diminuir as diferenças de atribuídas a artistas de espaços da arte. Nesse trabalho o aluno pode observar elementos artísticos, compreender o processo de criação dentro de um espaço aproximado da sua realidade e criar seu próprio jeito de produzir uma expressão artística.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o trabalho realizado é preciso pensar a arte, em especial a arte popular em seus aspectos mais abrangentes. Suas manifestações presentes no dia a dia expressam a sabedoria de um povo. Assim há de reconhecer o valor entre as artes populares e as artes concebidas no ensino que devem se estabelecer de forma saudável e permanente, pois elas buscam inspirações nas mesmas fontes para novas criações.

Considerando as artes no contexto de um mundo globalizado e analisando a forte presença principalmente das Artes Visuais no mundo contemporâneo, é que se pode estabelecer uma reflexão sobre as conseqüentes implicações para a arte-educação e a necessidade de ser percebida não como mera manifestação artística, mas como algo de grande importância e valor na vida artística e social do ser humano.

Incluir a arte popular como recurso didático nas aulas de arte permite que o professor explore questionamentos pertinentes do ensino, bem como fortalecer e promover o respeito às manifestações locais.

Assim a aprendizagem em arte torna-se mais significativa, pois se estabelecem relações entre a criação pessoal, a apreciação da arte e as circunstâncias que envolvem o processo de criação da produção artística.

Nesse processo de criação reúne harmoniosamente a sensibilidade e a habilidade, integrando no processo de desenvolvimento da percepção, reflexão artística e estética na produção do próprio aluno, na produção do colega e na produção do artesão.

E ao produzir artisticamente suas peças o aluno, articula o fruir, o pensar e nesse fazer artístico estão presentes elementos visuais, que muitas vezes nem o próprio artesão, dá conta disso; pois a linguagem visual desses produtos artesanais feitos em nosso município carrega uma forte expressão artística nesses elementos visuais, como a linha, a cor, o equilíbrio, a disposição dos desenhos, etc.

Portanto é importante que a tecelagem em algodão seja inserida de tal forma que esta atividade e o ensino contribuam para o desenvolvimento e

enriquecimento de todos os alunos. Abordar o assunto nas aulas, de forma simples, mas que possibilite a construção do conhecimento e do entendimento do que seja e também possa visualizar as diversas possibilidades de criação artística frente às novas experiências disponíveis no mundo atual.

Essa pesquisa certamente foi de suma importância para o meu crescimento pessoal e profissional, tanto no preparo das aulas, como no manejo das turmas, pois aprendi a fazer uma leitura mais detalhada desta importante função do ensino de arte nas escolas. Dessa forma, a aprendizagem em Artes Visuais, pode ser gratificante e prazerosa, evitando aulas descontextualizadas, monótonas e ao mesmo tempo ter a oportunidade de valorizar e resgatar a cultura da nossa comunidade local.

É importante enfatizar que o resgate cultural requer de todos, sobretudo docentes, inculcar em nossos alunos valores culturais, que possam vislumbrar costumes regionais, agregando em seu viver diário estes ricos saberes. É notória ainda uma resistência da nova geração alegando ser algo ultrapassado. Porém temos o dever de levar para dentro da sala de aula estes conhecimentos, motivando e instigando nossos alunos a conhecê-los de forma mais aprofundada, pois afinal só gostamos daquilo que conhecemos.

Concluo que este trabalho realizado muito contribuiu neste sentido, haja vista que todas as fases da tecelagem em algodão foram exploradas, além do contato com as fiandeiras que conseguiram despertar o gosto por esta bela expressão artesanal.

Ainda é relevante destacar a importância do trabalho docente sobre a cultura local, para que os alunos sintam-se incentivados a serem multiplicadores destes costumes, onde possam criar e recriar sem esquecerem as suas origens. Que possam ser de fato agentes transformadores, motivadores e condutores deste fio chamado compromisso para que possam perpetuar através da tecelagem, a riqueza e a beleza deste povo jenipapense.

5 - REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A imagem do ensino de arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1.997.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. FERRAZ, Maria Eloisa Corrêa de Toledo. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 2001.

GOUTHIER, Juliana. *História do Ensino da Arte no Brasil*. In. PIMENTEL, Lúcia G. (org). Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.

JUNIOR, João Bezerra Silva. *Algumas reflexões sobre o ensino de Artes Visuais no Ensino Fundamental*. Disponível em: <www.artigonal.com/educação-online-artigos>. acesso em:19 mar.2011.

MINAS GERAIS. *CBC: Arte – Ensinos Fundamental e Médio*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2005.

PIMENTEL, Lúcia Gouveia (org.) *Curso de especialização em ensino de artes visuais*. 3 Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

PROENÇA, Graça. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 2003.

SATURNINO, Joice. *Artes da fibra in*. PIMENTEL, Lucia Gouveia (org.) curso de especialização em ensino de artes visuais. 3.Belo Horizonte:Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.2009.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

SCHRAMM, Marilene de Lima Korting. As Tendências Pedagógicas e o Ensino Aprendizagem da arte. In: PILLOTO, Silvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Korting (org). Reflexões sobre o ensino das artes. Joinville: Editora Univille, 2001.

SENAC. *Fios e fibras Oficina de artesanato*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2002.

6 – ANEXOS

Lista dos Anexos

- I - Conhecendo um Profissional da Arte da Fibra-Tecelagem**
- II - Entrevista com a artesã Dona Preta**
- III - Entrevista com as artesãs Dona Maria José e Dona Lozinha**
- IV - Entrevista com a artesã Dona Cota**
- V - Relato de Dona Avelina sobre a Fiata**
- VI - Relato da oficina pelas alunas Edna e Juliana Nogueira**
- VII - Relato da oficina pelas Iolanda e Madilene**
- VIII - Relato da oficina pelos alunos Fernando Ademilson e Marilene**
- IX - Associação dos Artesãos de Francisco Badaró**
- X - Histórico do Artesanato em Algodão de Francisco Badaró**
- XI - FIARTE - Fiação e tecelagem em algodão**
- XII - Pequeno histórico sobre a Fiata de Jenipapo de Minas**
- XIII - Histórico da Associação Antônia Maria das Graças**

I - Conhecendo um Profissional da Arte da Fibras-Tecelagem

Nome da artesã:

1- Quais são os materiais utilizados em seu trabalho?

2- Fale sobre a técnica tipo de tear, pontos, nós e as ferramentas utilizadas?

3- Quais são as habilidades necessárias nesta profissão?

4 - Onde busca inspiração para desenvolver o trabalho?

5- Com quem aprendeu a técnica da tecelagem?

6- Ao fazer uma peça quais os processos usados para a construção do artesanato?

7- Como é feito o tingimento dos fios?

8- E a escolha das cores, linhas, espaço. Como é feito?

9- E os desenhos como são escolhidos?

10- E a disposição das linhas como é organizada?

11- Ao terminar a peça, como você sente?

12- Sobre o profissional na arte da tecelagem, como você vê seu trabalho no mercado e como ele é encarado no contexto social da cidade e no tempo em que vivemos?

Respostas da Entrevista

II - Nome da artesã: Dona Preta

1- Nós usamos o algodão, a linha (fio), tintol, a pedra une (para confirmar a tinta), a roda, o fuso, flechas, almofada, cardas, descaroçador, canela, lançadeira e o tear.

2- Os pontos no tear para ser feitos é contado os fios, tanto faz da linha e o pavio. E os nós são feitos para trançar as franjas que são chamadas de macramé.

3- Para ser um tecelão a habilidade que é necessária é ter perfeição no trabalho e saber receber os clientes.

4- Inspirava primeiro qual peça que ia fazer, depois eu olhava num modelo de outras peças.

5- Aprendi olhando minha mãe a tecer.

6- É preciso limpar o algodão, descaroçar, bater (na almofada), cardar, fazer o fio na roda ou fuso, urdir, montar na urdidura, no tear e liço, passar no pente, amarrar na régua e aí começa a tecer.

7- O tingimento dos fios é feito às meadas, molha as meadas, coloca tintol com sal para fixar, levar no tacho com mais tintol (coloca casca de goiaba ou pinhão para firmar a tintura), deixa no fogo fervendo, tirar e lavar na água fria e coloca para secar na sombra. Já para tingir com materiais naturais usa as raízes de aroeira e angico (da a cor marrom, pau sangue (cor preta), folha de anil (cor azul) e terra vermelha. Pra soltar a tinta desses materiais fervemos eles e colocamos as meadas dentro para tingir.

8- Para a escolha das cores analiso a cor do pano de fundo (colcha) e faz a combinação das cores, as linhas são contadas e tecemos tudo junto é um quebra cabeça que tem que dar certo no final e os pontos encontrar. E os espaços têm que saber quantos cabristes tem ou contar os fios.

9-Escolho os desenhos numa amostrar como casinha, flores, caracol, quadrados, etc.

10- As linhas no tear são organizadas fio por fio até completar todo o pente. E na hora de tecer os fios tem cruzar e para trocar o fio bate o pé na pisadeira e vai passando a lançadeira e ao fazer os desenhos o pavio do desenho só passa depois que bater quatro vezes e aí vai formando a colcha depois que tira do tear faz os acabamentos e amarra a franja.Uma colcha gasta 1 mês para ser feita . Fazemos pano de prato, almofada, caminho de mesa, pano, toalhinha, bolsa, pano de soador de sela e cangaia.

11-Ao terminar a peça sinto aliviada e já imagino começar outra peça. Quando ia para a fiata era um monte de mulher trabalhando, umas fiando, descaroçando, cardando, tecendo era uma alegria. “Tem “hora que não podia nem conversar que se não perdia as contas dos fios, principalmente quando tava no tear”.” Na hora “do café era um barulho com tanta mulher conversando”. “Oh tempo bom.”

12- O trabalho nosso é bom, e a população que vê não são todos que valorizam o nosso trabalho. Mas eu não tenho o que reclamar.

III - Nome das tecelãs: Dona Maria José e Dona Lozinha

1- Nós usamos o algodão, a linha (fio), tintol, a pedra une (para confirmar a tinta), a roda, o fuso, flechas, almofada, cardas, descaroçador, canela, lançadeira e o tear.

2- Aprendi com Maria Antonia e Luciana e D. Maria já sabia tecer e aprendeu com a tia.

Usamos o tear de madeira, antes o tear era de madeira com pente de taquara e hoje é de madeira com o pente de ferro. Usamos os pontos de cercadura e os pontos para desenhos.

3- Para ser uma tecelã a pessoa tem que ter o dom, inteligência, paciência, boa vontade e ser criativa.

4- Buscamos inspiração com outras artesãs e aprendemos novas técnicas com artesão de outro lugar. Esse dia veio um artesão de Berilo e ele ensinou a fazer novos desenhos. E na hora novos desenhos vão surgindo na cabeça e vamos aplicando.

6- Para a construção do artesanato é preciso primeiro limpar o algodão, descaroçar, bater (almofada), cardar, fazer o fio na roda ou fuso, urdir, montar a urdidura no tear e liço, passar no pente, amarrar na régua, e aí começa a tecer.

7- Para tingir faz as meadas nos braços, ferve as cascas de abacate, caju, mangueira, tingui, coar e coloca as meadas para ferver na tinta por 2 horas. Lava na água fria bem lavada e coloca as meadas para secar na sombra, mas hoje usamos mais é tintol ou lã.

8- Para fazer os desenhos fazemos à seleção das cores que combinam, e as linhas são semelhante a ponto cruz que contanto os fios para formar o desenho,

os espaços medem na trena e se não der certo no final, desmancha e tem que fazer de agulha e aí dá mais trabalho.

9- No urdir tem que fazer os cabristes é através deles é que começa a tecer. Na colcha de casal 46 cabristes e na de solteiro 36 cabristes. E os desenhos elaboramos na cabeça como borboleta, casinha, triangulo, cercadura, flores, caracol, xadrez, listado ou todo braço para ponto de cruz.

10- As linhas no tear são organizadas fio por fio até completar todo o pente. E na hora de tecer os fios tem cruzar e para trocar o fio bate o pé na pisadeira e vai passando a lançadeira e ao fazer os desenhos o pavio do desenho só passa depois que bater quatro vezes e aí vai formando a colcha depois que tira do tear faz os acabamentos e amarra a franja. Uma colcha gasta 1 mês para ser feita . Fazemos pano de prato, almofada, caminho de mesa, pano, toalhinha, bolsa, pano de soador de sela e cangaia. Quando éramos crianças vestíamos roupas de algodão que eram feitas pelas nossas avós e mães.

11- Na hora que terminamos ficamos felizes, esperamos que consigamos vender por um preço justo e agradecemos a Deus por mais um trabalho concluído.

12- As pessoas de outros lugares valorizam, gostam, interessam e compram nossos artesanatos. As pessoas da nossa cidade não valorizam apenas algumas pessoas mais velhas compram nossas peças. Quando estamos aqui até esquecemos dos nossos problemas pessoais e de saúde. É uma alegria umas com as outras.

IV - Nome da artesã: Dona Cota

1- Nós usamos o algodão, a linha (fio), tintol, a pedra une (para confirmar a tinta), a roda, o fuso, flechas, almofada, cardas, descaroçador, canela, lançadeira e o tear.

2- Os pontos no tear para ser feitos é contado os fios, tanto fazem da linha e o pávio. E os nós são feitos para trançar as franjas. Os pontos e os nós são feitos tipo uma laçada uma dentro da outra.

3- Para ser uma tecelã a pessoa tem que ter o dom, inteligência, paciência, boa vontade e ser criativa.

4- Inspirada na arte dos mais velhos, que antes esse trabalho era usado em roupas.

5- Heranças dos meus avós aprendi com minha mãe.

6- Tudo começa com o processo do algodão que é passado no escaroçador para separar as sementes do algodão, depois batido com flechas e começa a transformar em linhas, usando a roda ou fuso para fiar a mesma, depois faz o urdimento e depois é levado ao tear e começa a fazer as peças.

7- O tingimento é feito com casca de pau verde ou tintol. Antes usava argila ou outros materiais naturais, quando for tingir com tintol tem que usar um liquido chamado fixa cor ou um pouco de sal. Antes usava casca de caju ou umbigo de bananeira para fixar a cor.

8- Cada um escolhe a cor desejada isto é depois de tingida, o espaço é calculado para o ponto não ficar muito próximo ao outro, usamos lãs também.

9- Uso a imaginação e faço os desenhos de cabeça.

10- É de acordo com o tecido, se você quer várias cores tem que organizar e tingir os fios como quiser.

11- Uma grande vitoriosa usando tudo que vem da natureza, desde o tear de madeira até a casca de pau para tingir.

12- Fora da minha região tem um imenso valor, aqui na cidade era muito aceito e hoje não é tão valioso porque eles preferem comprar na loja.

V - Relato de Dona Avelina sobre a Fiata

A associação surgiu na década de 80 com o objetivo de ajudar famílias carentes e para o desenvolvimento do município, hoje existem cerca de 14 associadas.

Depois de várias discussões com a EMATER e ADECOJE, surgiu à implantação e a necessidade do Projeto da Associação das Artesãs do município de Jenipapo, pertencente naquela época de Francisco Badaró, com a finalidade de ocupação mão de obra ociosa e geração de renda para as famílias carentes.

As associadas realizavam trabalho artesanal, onde fiavam algodão e posteriormente os artesanatos como cobertor, caminho de mesa, panô, etc. As atividades com o algodão era desde a catação (limpeza), descaroçar, bater, cardar, fiar (linha ou pavio) e tecer as peças no tear de madeira. Como incentivo recebiam uma cesta básica a cada 40 horas de trabalho, que vinham de um órgão estadual chamado PMA-Programa Mundial de Alimentação sob a coordenação da CODEVALE.

No início 86 mulheres participavam desse projeto só que mais tarde esse órgão foi extinto e muitas pessoas saíram por não ganhar mais a cesta, ficando apenas aquelas que não importava de ganhar ou não a cesta. Seus trabalhos eram voluntários e cada uma vendia suas peças para comprar mais material e sustentar sua família.

Devido ao bom desempenho que vinham realizando seus trabalhos, receberam uma ajuda da prefeitura de Francisco Badaró, doando a elas 10 arrobas de algodão para que pudessem desenvolver trabalhos de boa qualidade. A prefeitura e a EMATER, uniram a elas onde fizeram um projeto para construção de um galpão para a realização dos trabalhos desenvolvidos pelas associadas. Mais tarde a associação foi registrada, passou a ser reconhecida não só na comunidade como em outros lugares. Através dessa associação foi criada uma creche para crianças carentes, só que devido à falta de recurso passou a ser mantida pela prefeitura.

Hoje a associação esta mais estruturada, apenas 14 mulheres fazem parte e todas são da 3^o idade, nessa forma de trabalho encontram uma forma de

preencher seus momentos de solidão. Diz Dona Avelina “Lá é um lugar de muita alegria e muita união”.

A manutenção da associação é através do que é produzido e o lucro é dividido entre as associadas. Hoje elas dedicam ao trabalho na cozinha comunitária produzindo doces, licores, biscoitos, salgados, etc. Há algumas que ainda procuram fazer alguns trabalhos de algodão para esquecer os velhos tempos vividos naquela Fiata.

Relatando sobre a oficina

VI - Relato da oficina

Alunas: Edna e Juliana Nogueira

Foi desenvolvido com os alunos do 3º ano magistério um trabalho com tecelagem de algodão onde a professora Cida Lages buscou a todo o momento explicar o processo para que não houvesse dúvidas e assim resultasse na aprendizagem dos mesmos para toda a vida.

Primeiro teve a parte teórica, onde ela explicou e passou vídeos feitos pela mesma na tecelagem daqui de Jenipapo de Minas. Onde as mulheres demonstraram como se faria tudo passo-a-passo, levando ao nosso entendimento.

Após os alunos entenderem bem como teria que ser feito que limpassem o algodão e a separação dos ciscos, o descarregar, bater, cardar, fazer fios, urdir, colorir os mesmos e tecer, a professora auxiliou os alunos para que os mesmos fizessem seus trabalhos.

Esse trabalho realizado foi muito enriquecedor, pois o mesmo nos fez conhecer mais da nossa própria cultura, fazendo nos valorizar mais a mesma.

VII-Relato da oficina

Alunas: Iolanda e Madilene.

A tecelagem é um trabalho muito complexo, de grande beleza, tradição e o resultado é muito satisfatório. O seu processo é longo, vai desde colher o algodão, descaroçar, bater até chegar ao produto pronto, dentre outros processos. É um trabalho que exige tempo, determinação e muita atenção.

O projeto desenvolvido em sala de aula foi muito bom. Deu aos alunos informações claras e significativas a respeito de todo o processo da tecelagem. Os vídeos apresentados foram muito esclarecedores a explicação dada pela professora foi bastante significativa e dele novos conhecimentos aos alunos. Buscou aprender o processo da tecelagem com as artesãs, e foi dedicada e prestativa ao ensinar o que aprendeu.

Em meio a um trabalho complexo, a professora se sobressaiu ao explicar e realizar o processo da tecelagem com seus alunos de maneira descontraída e pratica. Tanto a teoria e a prática foram realizadas de maneira satisfatória.

VIII - Relato da oficina

Alunos: Fernando Ademilson e Marilene

A tecelagem além de ser uma arte muito apreciada, tem uma grande influência na nossa cultura, criada pelos índios como forma de fazer roupas.

A tecelagem passa por longos processos até chegar ao seu estado final. As tecelãs usam a tecelagem como uma forma de distração, demonstração do seu trabalho e da sua criatividade e também como uma fonte de renda. Essa é uma arte muito apreciada, mas não somente em nossa região, mas em todo país.

A iniciativa da professora ao trazer um pouco desta arte para a turma fez com que todos se envolvessem e relembassem dos seus antepassados e muitas famílias até hoje se preocupam em ensinar aos seus parentes a sua cultura e tradição para que elas nunca sejam esquecidas.

Esta experiência nos proporcionou momentos de descontração, entretenimento e acima de tudo um resgate na nossa cultura que muitas vezes deixamos de lado por mera bobagem, mas com essa atitude da professora percebemos como é importante não só preservar, mas também manter nossa cultura viva.

IX ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DE FRANCISCO BADARÓ
PRAÇA DO MERCADO Nº 20 – CENTRO
CEP: 39644000 – FRANCISCO BADARÓ, MG

CURSO E OFICINA DE FIAÇÃO, TECELAGEM E TINJIMENTO DE FIOS
PRODUZIDOS PELAS ARTESANS DO MUNICIPAL DE FRANCISCO BADARÓ
MG.

INSTRUTORES MULTIPLIADORES:

PROCESSO DE BENEFICIAMENTO DO ALGODÃO:

1º Passo:

Limpeza do algodão – Fazer a retirada de toda impureza do algodão

2º Passo:

Descaroçar – Levar ao descaroçador manual para separar sementes da lã.

3º Passo:

Bater o algodão depois de descaroçado utilizando flechas e almofada própria para este fim ou fazer o uso da carda manual até que o algodão fique no ponto de fazer o fio.

4º Passo:

Fiar o algodão transformando o mesmo em fio: linha e pavio nas rocas ou roda de fiar.

5º Passo:

Tingimento:

- Casca da Arvore da mangueira
- Casca de angico
- Casca de cebola
- Casca de tingui
- Casca de abacate, folha
- Casca da Moreira, etc.

Preparar o fio para receber a tinta: fazer as meadas lavar com sabão ypê, deixar de molho para decançar coar a tinta, colocar em um tacho e levar ao fogo, deixar na fervura por 2:00hs, em seguida retire do fogo, pendure no varal e quando esfriar lave bem até sair a tinta que o fio rejeitou, coloque fixador e amaciante para ficar cheiroso e deixe de molho por 30 minutos e em seguida coloque no varal para o enxugar.

MODO DE PREPARAR:

Coloque as cascas em um recipiente com 10 litros de água, acrescentar a amônia. Deixar durante 12 horas.

Em seguida colocar a tinta extraída para ferver com as meadas dentro. Ferver durante 2 horas e depois lavar com sabão até tirar todo excesso. Em seguida colocar as meadas com fixador, alume (pedra ume) deixar durante 30 minutos.

(OBS: O sulfato de cobre usa para dar tonalidades diferentes).

6º Passo:

URDIÇÃO:

Para urdir, medi-se a quantidade necessária colocando os dois novelos no chão para formar os 45 cabristes para dar a largura correta.

- Colcha de solteiro 1:70 de largura e 2:70 de comprimento você precisa de 800 gramas de barbante e 1,5 kgs de pávio.

- Colcar no órgão do tear fio a fio, pentear de dois em dois no pente. Em seguida está pronto para fazer a tecelagem do pano.

*bolsas e almofadas: 200 grs de barbante fino e 250 grs de pávio

*caminho de mesa: 40 X 1,20- 200grs de barbante e 300 grs de pávio.

*redes: 1,600Kgs de barbante fino e 1,500kgs de pávio.

*Curtina: A mesma quantidade de uma clcha de casal, dividir em duas partes (tecer com duas lançadeiras).-

7º Passo

ENLIÇAR :colocar os mesmos no pente e no liço primeiramente passar os fios no órgão.

8º Passo

TECELAGEM: colocar os fios linha e pávio nos equipamentos (liço e pente) e confeccionar as peças desejadas: tapetes, colchas, almofadas, etc

RECEITA PARA PULGAR/CARDAR USA-SE

Bicarbonato de sódio, metaclicato de sódio, água oxigenada 130 v, detergente líquido ypê.

PARA CADA 02 KGS DE FIOS:

03 colheres de metaclicato

03 colheres de bicarbonato

200 ml de água oxigenada 130 v

200 ml de detergente

DEIXAR FERVER DURANTE 1 HORA

PARA TINGIR USA-SE

Colocar as cascas em um recipiente com 10 litros de água. Acrescentar o amonoaco, deixar curtindo durante 12 horas em seguida coar e colocar a tinta extraída para ferver com as meadas dentro de um taxo ou caldeirão. Deizar ferver durante 1 hora em seguida retire e deixe esfriar. Lavar com sabão até tira todo o excesso de tinta, depois colocar as meadas na água com fixador, alume (PEDRA UME). Deixar durante 20 minutos, torcer e estará pronto para ser usada.

OBS: O sulfato de cobre usa-se para dar tonalidade diferente.

A CULTURA NÃO É O FIM MAS UM CAMINHO PARA O PLANO SUPERIOR ATÉ AO PLANO SUPREMO QUE É A SALVAÇÃO DO HOMEM! (um abraço das artesãs: Mila, Terezinha e Nenzinha)

X - HISTÓRICO DO ARTESANATO EM ALGODÃO

FRANCISCO DADARÓ/MG

"Os terrenos dos arredores de Sucuriú oferecem a seus habitantes recursos mais seguros que os fornecidos pelas lavagens. Como a região é mais próxima da bacia do Araguaí do que da Vila do Piaçado e Chapada, é também menos elevada e mais quente, e cultivam-se nela algodoeiros com grande resultado.

Quase todas as mulheres de Sucuriú fiam algodão, e, na maioria das casas dessa povoação, fazem-se tecidos mais ou menos grosseiros. Os mais finos se consomem na própria família, e vendem-se os outros, cujo fio não custa tanto a fiar, e, ao mesmo tempo, encontram mais fácil colocação".

Auguste De Saint-Hilaire - Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. p.229.

Em 1982 - Implantação de um campo de demonstração com área de 1,5 ha Cultura do algodão, sob a responsabilidade de 03 jovens do Clube 4-S da comunidade de Tocoios. Colheita 80 arrobas.

EM 1983 - Comercialização da produção do algodão e implantação de lavouras comunitárias pelos jovens do Clube 4S em Tocoios.

Em 1984 - Foram plantados 67hectares de terra com maior envolvimento dos pequenos produtores. Houve incentivo a agricultura: o preparo do solo, sementes, adubo e defensivos para as famílias inscritas na AMAI e o crédito Rural, MGII - Banco do Brasil, com cobertura do PROAGRO.

EM 1985, 86, 87 - Maior incentivo e maior resultado. A área plantada chegou a 300 ha com uma produtividade de 80 arrobas/ha, gerando para o município um ICMS até então não conseguido através de culturas exploradas no município. Esta produção era comercializada em Montes Claros ficando no município parte da produção destinada ao artesanato local.

A fiação do algodão no município era desenvolvida de forma isolada. Cada um na sua casa e como já funcionava em comunidade trabalhada pela EMATER, um grupo de mulheres que desenvolviam várias atividades, começaram a desenvolver a fiação em mutirão (umas ajudando as outras em

PROJETOS DESENVOLVIDOS COM OS GRUPOS E ASSOCIAÇÕES ENVOLVIDOS NO PROCESSO DO ALGODÃO

1. Programa de mecanização agrícola – subsidiado pela prefeitura.
2. Aquisição de insumo (sementes selecionadas, adubo, defensivos) e realização do pagamento depois da colheita. – Prefeitura, Associação e grupos.
3. Aquisição de 80 arrobas de algodão para repasse a 04 grupos de mulheres fiandeiras. Recursos liberados através de projetos com a Caritas Diocesana e Associação dos Artesãos.
4. Aquisição de 21 teares comunitários com recursos da CODI, Fundação Setas, LBA e Associações.
5. Construção de tendas comunitárias de tecelagem em Tocoíós, São João de Cima.
6. Abertura de uma loja para a venda dos produtos artesanais, na sede do município. A prefeitura custeava o aluguel do prédio e cedia uma funcionária para a loja.
7. Aquisição de uma máquina descaroçadora de algodão com capacidade de produção de 06 arrobas por hora (algodão em pluma – alternativa a renda – comercialização – processo atualmente rudimentar gastando muito tempo pra descaroçar manualmente).
8. Implantação na sede de Iha de lavoura comunitária do algodão – C. de Francisco Badaró e Paróquia.
9. Aquisição de 70 sacos de sementes selecionadas de algodão e 20 litros de defensivos – DECIS.
10. Implantação de campos de demonstração do algodão.
11. Capacitação para implantação do Projeto Integrado para melhoria do nível de vida do artesão e sua família.
12. Seleção de 33 artesãos no Projeto Integrado UNICEF, FENAPE, Minas de Minas e EMATER-MG.
13. Projeto para compra de peças artesanais realizada de dois em dois meses de forma sistemática no município.
14. Cursos de capacitação dos artesãos realizados pelo Centro Capre.
15. Construção do galpão comunitário para tecelagem em Jenipapo, Minas.
16. Aquisição de 12 rocas.
17. Aquisição de 06 teares.
18. Construção do prédio sede da Associação dos Artesãos.
19. Participação dos artesãos em feiras da paz, feiras de artesanato no sul de Minas, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília, Teófilo Ottoni, Novo Cruzeiro, Salinas, Almenara.

Associação

Em 1987- Destaque da fiação em algodão com os grupos de mulheres fiandeiras.

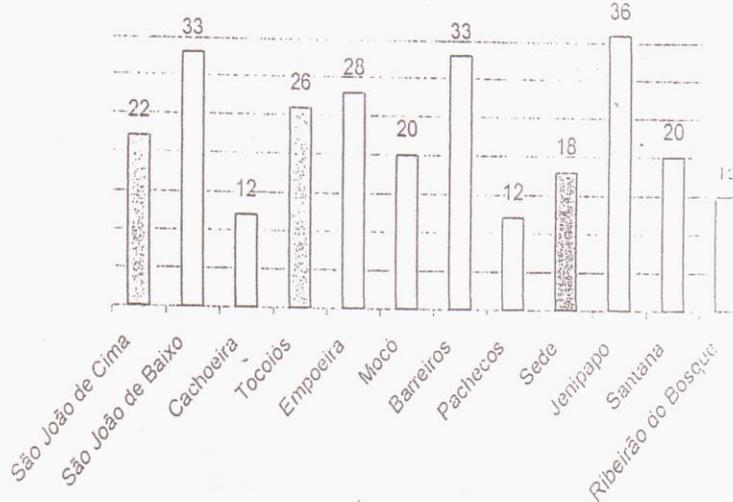
Fonte de renda assegurando a sobrevivência das famílias envolvidas com algodão em todo o processo:

Mulheres fiandeiras (fio de linha e pavió) - 275

Pequenos produtores da cultura do algodão-100

Tecelagem do algodão - 57 famílias

Grupo de Mulheres Fiandeiras Francisco Badaró/MG - 1987



Constituição de duas Associações de artesãos devido ao crescimento e em forma de fortalecimento do artesanato.

a) A Associação dos Artesãos de Francisco Badaró

Data de criação: 23/05/87

DIRETORIA:

Presidente: Felício Ferreira Vieira

Vice-presidente: Antônio Roque dos Santos

Secretário: Daura da Glória Batista Viana

Vice-secretário: Lélia Leite dos Santos

Tesoureiro: Antônio Deltrudes de Sousa

2º Tesoureiro: José Sebastião dos Santos

CONSELHO FISCAL:

Maria da Conceição Pinheiro de Sousa

Maria Lourdes Sousa de Jesus

COMISSÃO DE SINDICÂNCIA:

Joaquim Martins da Costa

Rita da Conceição Simões

Emília Ferreira do Prado Primo

PROCESSO COMPLETO DO ALGODÃO

PLANTIO:

- Escolha do local;
- Preparo do solo;
- Aquisição de semente/defensivo;
- Plantio;
- Tratos culturais;
- Colheita;
- Armazenamento;
- Comercialização;

BENEFICIAMENTO DO ALGODÃO E TECELAGEM:

- Catação ou limpeza do algodão;
- Descaroçamento;
- Cardagem ou bateção;
- Fiação de linha ou pavio;
- Tintura dos fios;
- Urdição;
- Tecelagem;
- Comercialização.

MINISTÉRIO DA CULTURA
Secretaria de Programas e Projetos Culturais

XI - PONTOS DE CULTURA
Solicitação de Apoio a Projetos

I - IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO E DO PROPONENTE

TÍTULO DO PROJETO: FIARTE - Fiação e tecelagem em algodão

II - DADOS DA INSTITUIÇÃO PROPONENTE

NOME DA INSTITUIÇÃO: Associação dos Artesãos de Francisco Badaró		CNPJ: 22.695.001/001-30	
ENDEREÇO: Praça do Mercado S/Nº Centro de Francisco Badaró			
MUNICÍPIO: Francisco Badaró		UF: MG	CEP: 39.644-000
TELEFONE: 0xx33) 37381250 ou 37381123	E-MAIL:		
CONTA CORRENTE: 320.710-2	BANCO: Banco do Brasil/S/A	AGÊNCIA: 4126-2	PRAÇA: Francisco Badaró/MG

III - DADOS DO REPRESENTANTE DA INSTITUIÇÃO PROPONENTE

NOME DO REPRESENTANTE: Ivani Rodrigues dos Santos		CARGO: Presidente	
CIDENTIDADE Nº: 36.017.741-4	ORGAO EXPEDIDOR: Sspsp	UF: SP	
ENDEREÇO RESIDENCIAL: Comunidade de São João de Baixo			
MUNICÍPIO ; Francisco Badaró		UF: Minas Gerais	CEP: 39.644-000
TELEFONE: (033) 0xx33) 37381177	E-MAIL:-----		FAX: () 0xx33) 37381123

IV - OUTROS PARCEIROS

NOME DA ORGANIZAÇÃO:		CNPJ:	
ENDEREÇO:			
MUNICÍPIO:		UF:	CEP:
TELEFONE: ()	E-MAIL:		FAX: ()

V - DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

ENDEREÇO ONDE SERÁ EXECUTADO O PROJETO:

Comunidade rural de São João de Baixo Empoeira e Tocoios de Minas, no município de Francisco Badaró/MG.

BAIRRO:

Comunidades rurais

CEP:

39.644-000

OBJETIVOS:

- Desenvolver um projeto voltado para a geração de trabalho e renda envolvendo o conjunto dos artesãos do município de Francisco Badaró/MG;
- Adquirir equipamentos, utensílios, cursos de capacitação que permitam ampliar a linha de produção bem como melhorar a qualidade do produto final;
- Associar a geração de atividades que expressam a maneira de viver das mulheres artesãs de Francisco Badaró;
- Desenvolver e preservar a cultura local da fiação e tecelagem de algodão do município;
- Incentivar a participação das mulheres idosas na fiação e tecelagem, visando a geração de renda e quebra da ociosidade.

JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA:

O município de Francisco Badaró, localizado no Vale do Jequitinhonha, ocupa uma área de 448Km², possui 10.309 habitantes e um IDH de 0,64.

É secular a tradição do trabalho artesanal em algodão no município. Assim relata August de Saint-Hilaire, séc. XIX: *"Quase todas as mulheres de Scuriú fiam algodão, e, na maioria das casas dessa povoação, fazem-se tecidos mais ou menos grosseiros. Os mais finos se consomem na própria família, e vendem-se os outros, cujo fio não custa tanto a fiar, e, ao mesmo tempo, encontram mais fácil colocação"*.

Em Francisco Badaró, foram conservadas todas as etapas de produção artesanal, desde o cultivo do algodão, a produção dos fios em rocas até a finalização das peças, mas predomina no município a atividade das fiatas, isso porque os municípios vizinhos se especializaram em tecer ou bordar.

Hoje, existe um grupo de 150 pessoas (fiandeiras e artesãos) das diversas comunidades rurais organizadas na Associação dos Artesãos de Francisco Badaró que coordena o grupo, buscando melhoria da qualidade do produto e melhores condições de trabalho, embora ainda não tenha conseguido atingir a meta ideal de produção devido à escassez de recursos para investir em material, equipamentos, utensílios e capacitação de pessoal.

Diante disso, esse projeto se propõe a equipar os 03 galpões de fiatas existentes nas comunidades rurais com o objetivo de ampliar suas atividades, aprimorando a tecelagem, tingimento e bordados das peças para que todo o processo se concretize no município. Em consequência, terá a garantia de maior renda e adesão de maior número de pessoas, efetivando o resgate à cultura local, através destes pontos demonstrativos.

BENEFÍCIOS PRODUZIDOS

CULTURAIS:

O trabalho desenvolvido pelo grupo (descaroçar, fiar e tecer o algodão) constitui a maior expressão cultural viva do município. Quando ainda se preservam todas as etapas de produção.

SOCIAIS:

A maioria das mulheres fiandeiras, assim como suas principais lideranças, são pessoas de terceira idade, que através dessas atividades se relacionam com o fantasma da exclusão e do preconceito.

Nos dias de trabalho cantam, contam histórias, brincam, repassam experiências. Essa atividade funciona como uma verdadeira terapia de grupo.

ECONÔMICOS:

A ocupação produtiva das mulheres das comunidades vem possibilitando a complementação da renda familiar além de estimular a produção de algodão na região. As secas periódicas da região tem impacto menor sobre este grupo que pode importar matéria prima de outras regiões e continuar desenvolvendo suas atividades mesmo nos períodos mais críticos do ano.

ESTRATÉGIA DE AÇÃO (Atividades para que sejam atingidos os objetivos):

Para atingir a meta de melhoria da qualidade do artesanato em algodão do município é necessário:

- Aquisição de 03 teares de madeira com pente em aço inox, 2,20m de largura;
- Aquisição de 03 teares de madeira com pente em aço inox, 1,80m de largura;
- Aquisição de 03 teares de madeira com pente em aço inox, 1,00m de largura;
- Aquisição de 30 rocãs de madeira;
- Aquisição de 01 carda industrial;
- Aquisição de 03 tachos de alumínio para tingimento;
- Aquisição de 06 caixas d'água 500 litros, para tingimento/lavagem;
- Aquisição de 12 estantes de aço
- Aquisição de 24 bacias plásticas;
- Aquisição de 18 baldes plásticos 20 lt;
- Aquisição de 03 tachos de cobre de 70 lt;
- Aquisição de 100 Kg de tintas e fixadores;
- Realização de cursos de capacitação em tingimento, tecelagem e gerenciamento em produção artesanal;
- Pagamento de diárias para os instrutores dos cursos;
- Buscar novos mercados de comercialização das peças e participação em feiras de artesanato nacionais.

VI - PÚBLICO ALVO

PERFIL SOCIAL:

A maioria dos componentes do grupo são mulheres da terceira idade, residentes na zona rural do município, e de baixa renda.

FAIXA ETÁRIA:

De 20 a 70 anos.

GRAU DE ESCOLARIDADE:

Analfabeto, alfabetizado e de 1º grau completo e incompleto.

QUANTIDADE:

130 mulheres.

ÁREA DE INTERVENÇÃO (Comunidade em que se insere o público alvo):

Comunidades rurais de: Empoira, São João de Baixo e Tocoís de Minas.

VII - PARCERIAS

ORGANIZAÇÃO PARCEIRA:

- 1- Prefeitura Municipal de Francisco Badaró
- 2- EMATER/MG
- 3- ONG'S
- 4- CMDR
- 5- Associações comunitárias

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO PARCEIRO:

- Apoio em transporte de material (Prefeitura);
- Participação financeira na aquisição de matéria-prima necessária ao trabalho (Prefeitura);
- Apoio e acompanhamento na produção e comercialização das peças (EMATER/MG);
- Sensibilização, incentivo e resgate da cultura tradicional (Prefeitura, EMATER/MG, ONG'S, CMDR, Associações comunitárias).

VIII - PERÍODO DE EXECUÇÃO

INÍCIO:

Janeiro/2005

TÉRMINO:

Agosto/2005

IX - RESUMO DAS FONTES DE FINANCIAMENTO

FONTE	VALOR (R\$ MIL)
FUNDO NACIONAL DE CULTURA - FNC	40.216,00
CONTRAPARTIDA	6.390,00
OUTROS (Especificar)	
TOTAL	46.606,00

X - TERMO DE RESPONSABILIDADE

Estou ciente de que são de minha inteira responsabilidade as informações contidas no presente formulário, relativo ao meu projeto cultural para os **PONTOS DE CULTURA**, e que, ao apresentá-lo, deve ser acompanhado da documentação que consta do item XI a seguir, sem o que a análise e a tramitação do projeto ficarão prejudicadas.

Francisco Badaró, 13 de agosto de 2004.

NOME DO PROPONENTE: Ivani Rodrigues dos Santos

ASSINATURA DO PROPONENTE: Ivani Rodrigues dos Santos

XI - DOCUMENTAÇÃO OBRIGATÓRIA

No ato da apresentação da proposta

DOCUMENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO PROPONENTE

01. Requerimento de inscrição (modelo anexo).
02. Ato constitutivo, estatuto ou contrato social em vigor, devidamente registrado em cartório, acompanhado do documento comprobatório de posse dos representantes legais em exercício.
03. CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

DOCUMENTAÇÃO DO RESPONSÁVEL PELA ORGANIZAÇÃO PROPONENTE

01. Carteira de Identidade e CPF do dirigente máximo da instituição proponente
02. Termo de Posse (nomeação) do dirigente máximo ou ata da diretoria.

DOCUMENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO PARCEIRA (se houver)

01. CNPJ

DOCUMENTAÇÃO DO RESPONSÁVEL PELA DOCUMENTAÇÃO PARCEIRA

01. Carteira de Identidade e CPF do dirigente máximo da instituição parceira
02. Termo de Posse (nomeação) do dirigente máximo

XII - DOCUMENTAÇÃO OBRIGATÓRIA

Em caso de aprovação do projeto

01. FGTS - Certificado de Regularidade com o FGTS, junto à CEF.
 02. Certidão Negativa de Débitos com o INSS ou comprovante de recolhimento de contribuições referentes aos três últimos meses imediatamente anteriores a data de celebração do convênio, juntamente com declaração de que não se encontra com débitos pendentes.
 03. Certidão da Dívida Ativa da União, junto à Procuradoria Geral da Fazenda Nacional.
 04. Certidão de Quitação de Tributos Federais (CQTF), Estaduais (CQTE) e Municipais (CQTM).
 05. Declaração de Contrapartida e de inadimplência, inclusive com as contribuições de que tratam os artigos 195 e 239 da Constituição Federal; de que não está inadimplente com as contribuições do FGTS; de que não está em situação de mora e inadimplência junto a qualquer órgão ou entidade da Administração Pública Federal Direta ou Indireta, sob as penas do artigo 299 do código penal; de que não está inadimplente com a União relativamente a prestação de contas de recursos anteriormente recebidos da Administração Pública Federal - validade 30 dias (modelo anexo).
 06. Comprovação de abertura de conta corrente específica para o convênio a ser firmado.
 07. Plano de Trabalho e seus anexos.
 08. Cronograma Físico Financeiro e Planilha de Custo (modelo em anexo).
- EM CASOS DE OBRAS E/OU BENFEITORIAS**
01. Memorial Descritivo, devidamente assinado pelo responsável técnico da obra.
 02. Projeto Arquitetônico completo (planta baixa, cortes, faixadas e planta de situação), devidamente assinado pelo responsável técnico da obra.
 03. Escritura Pública, devidamente registrado em cartório.
 04. Relatório fotográfico.
 05. Projetos complementares (instalações, ar condicionado, incêndio, etc.)

Adelino Simões Lima

PEQUENO HISTÓRICO SOBRE A FIATA - XII
JENIPAPO DE MINAS, 18/02/2011

EM QUE ANO SURTIU? Surgiu em 1987. COMO SURTIU? Naquela ocasião eu era presidente da ADECOJE – Associação de Desenvolvimento comunitário de Jenipapo. Em Fevereiro daquele ano, passando pela AMAI em Francisco Badaró e lá trabalhavam Jaime, Finada Dada, Serginho e Adna. Jaime então me chamou e me falou de um programa chamado Programa Mundial de Alimentação – PMA-2540, cuja coordenação no município estaria a cargo dos vereadores. Porém a informação era de que esses abriram mão da coisa ou desistiram porque dava muito trabalho. Eu tracei a idéia para Jenipapo, procurei e conversei com o vereadores locais (Nondas, Antônio Rodrigues e Zezinho Chaves). Não interessaram. Ainda ouvi frases desanimadoras. Conversei então com membros da diretoria da ADECOJE, todos abraçaram a idéia, foi aí então que resolvemos assumir a implantação do PMA-2540 no nosso então distrito.

A primeira reunião aconteceu no mês de Março de 1987 na casa de Dona Rosa de Neisinho de Zé Gomes, uma das líderes juntamente com Dona Luciana (sogra de Luiz de Dori), Maria Antônia (esposa de Delaíde), dona Alaíde, Lia de Ton e outras.

DO OBJETIVO: No início houve mais um pretexto do que um objetivo. Isso porque cada família ou participante cadastrado no programa tinha como interesse maior mesmo era receber uma cesta de alimentos. Acho que não é equívoco dizer que a fiata surgiu mais por uma consequência do que de um objetivo inicial. Para que cada família recebesse sua cesta, o seu membro cadastrado tinha que participar de um projeto de trabalho comunitário, comprovando uma carga-horária com o quadrado de produção sendo enviado para CODEVALE que aí enviava o número correspondente de cestas. (a carga horária mensal era pequena, mas tinha que ser cumprida). No início eram 86 mulheres (famílias) integrantes ou participantes do grupo. No primeiro e segundo ano de funcionamento eu cedi gratuitamente a casa onde trabalhavam (inclusive, aproveitavam o espaço no quintal da casa para fazer horta comunitária), a outra casa foi o casarão de onde saíram em 1989 e foram trabalhar numa casa cedida por D. Avelina. No início, como o número de participantes era muito grande, para diminuir o aglomerado elas trabalhavam em dois turnos, um grupo ia até meio dia e outro grupo do meio dia até a tarde. Chegaram a ter por dois anos consecutivos, uma lavoura comunitária de algodão num terreno cedido por Dr. Didi, tudo sob coordenação da ADECOJE e supervisão da CODEVALE que até emprestou alguns equipamentos agrícolas que foram empregados no preparo do terreno. A partir daí, com o apoio e da EMATER, sob a coordenação de D. LIA, fundaram uma associação independente e legalmente constituída que existe até hoje.

Lembrando também que simultaneamente com o grupo das fiandeiras, também atuava o grupo dos trabalhadores rurais que com o mesmo pretexto final de receber uma cesta de alimentos (na época chamavam de “sacola” ou o sacolão) que cumpriam a sua carga-horária trabalhando em regime de mutirão (o mesmo que troca de dias, como conhecido). Esse grupo atuava mais na lavoura de algodão do grupo de fiandeiras. Chegaram a fazer uma lavoura comunitária de feijão num terreno gratuitamente cedido na época pelo Sr. João de Hilário, no Córrego do Jacaré.

Jenipapo de Minas, 18 de Fevereiro de 2011.


João Luiz Pinheiro

PORQUE ESCOLHERAM A TECELAGEM EM ALGODÃO? Porque pelas próprias características da região o algodão é o que mais se encaixava porque todas sabiam transformar a matéria prima (o algodão) em produto manufaturado e na seqüência usavam esse produto na fabricação de suas variadas peças artesanais.

COMO AS PEÇAS ERAM REALIZADAS? Através dos teares artesanais de madeira com os acabamentos sendo feitos manualmente.

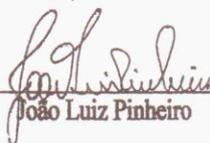
O QUE A COMUNIDADE E AS ASSOCIADAS ACHAVAM DESSE TRABALHO QUE FAZIAM? Achavam uma maravilha, trabalhavam contentes e em relativa harmonia, tinham a oportunidade de interagirem inclusive às vezes faziam barganhas entre si de acordo com a demanda ou necessidade de cada uma.

O QUE VOCÊ ACHA DESSA FORMA DE ARTE? Como arte muito bom, entendo que deveria ser dado sempre maior apoio e espaço para que os trabalhos artesanais pudessem ser desempenhados. Como trabalho comunitário, acho de suma importância, da forma como era feito na época acho correto, pois as famílias carentes recebiam sim, algo de que necessitavam, porém a prova de que necessitavam realmente era a contrapartida oferecida em algum trabalho comunitário. Diferente de hoje que o paternalismo por parte de todas as esferas oferece a quem precisa e talvez quem não precisa tanto.

A ARTE DA TECELAGEM SE FAZ PRESENTE DESDE OS PROMÓDIOS, COMO ELA FAZ PARTE DA SUA VIDA? Nunca dediquei a esse tipo de artesanato, apenas na infância convivi e auxiliei quem o fazia.

VOCÊ ACHA QUE É POSSÍVEL ENSINAR ARTE VISUAL ATRAVÉS DESSAS PEÇAS PRODUZIDAS? Sim, desde que apareçam interessados e que haja estruturação e incentivos para isso.

Jenipapo de Minas, 28 de Fevereiro de 2011.


João Luiz Pinheiro

XIII - Histórico da Associação Antônia Maria das Graças

Surgiu do interesse de um pequeno grupo de mulheres que iniciou suas atividades artesanais vinculada aos artesãos de Francisco Badaró, uma vez que Jenipapo era distrito.

Este grupo foi crescendo e com a participação de 31 mulheres que desenvolviam atividades artesanais com o algodão desde a catação, ou seja, a limpeza do produto, descaroçamento, bater ou cardar e fiar transformando o produto em fio sendo lã e pavião. Este trabalho era desenvolvido em sistema de mutirão, uma ajudando a outra e sobre a coordenação de uma artesã Maria Antônia Ferraz que era uma das poucas mulheres do grupo que já tecia, cada uma trabalhava 16 horas por semana e em troca recebia uma cesta básica do programa PMA (Programa), que tinha por objetivo incentivar o trabalho em mutirão. Parte do algodão fiado pelo grupo era utilizado na produção de peças confeccionadas no tear. Inicialmente eram teares bastante rústicos adquiridos na própria comunidade que resultavam em produtos de pouca qualidade.

Em 10 de outubro de 1989 foi criada a associação de fiandeiras e artesãs de Jenipapo tendo como sua primeira presidente a Sra. Avelina Aparecida Aguiar, esta associação só foi registrada dois anos mais tarde em 02 de maio de 1991.

Com o passar dos anos as mulheres foram aperfeiçoando o trabalho e muitos recursos foram buscados pela associação com a finalidade de melhorar, modernizar os equipamentos como: teares, rodas de fiar, descaroçadores, cardas manuais e até mesmo o local de trabalho que era numa casa cedida conseguiram a construção do local próprio: Galpão da Fiata. A associação trabalhou com creches por vários anos atendendo a comunidade e também os filhos e netos das mulheres associadas. Eram elaborados projetos para a instituição LBA que garantia a sobrevivência da creche, sendo mais tarde incorporada pela Prefeitura Municipal.

Em 30 de maio de 2001 a Associação de Fiandeiras e Artesãs de Jenipapo através de um Termo Aditivo de Modificação Total do Estatuto passou a ser denominada Associação Antônia Maria das Graças em homenagem a pessoa portadora desse nome que em vida durante os primeiros anos de fundação dedicou e prestou relevantes trabalhos a associação. Atualmente são 25 mulheres associadas em maioria são da terceira idade, poucas jovens. Dedicam ao trabalho de tecelagem e fiação do algodão, ponto cruz, crochê e dez mulheres dedicam a preparação de licores, doces, salgadinhos, biscoitos, rosas num projeto da Cozinha Comunitária Sertaneja patrocinada pelo Programa Fome Zero e parceria com a Prefeitura Municipal de Jenipapo de Minas. Em 2008, esta associação conseguiu um recurso para a construção da sede própria da Cozinha Comunitária Sertaneja através do PCPR (programa de combate à pobreza rural).

Durante toda a caminhada da Associação Antônia Maria das Graças ela recebeu assistência dos órgãos EMATER-MG, Prefeitura Municipal de Francisco Badaró, órgãos e instituições que atuavam no município e posteriormente com a emancipação Prefeitura Municipal de Jenipapo de Minas e parceria com órgãos e instituições que atuam neste município.